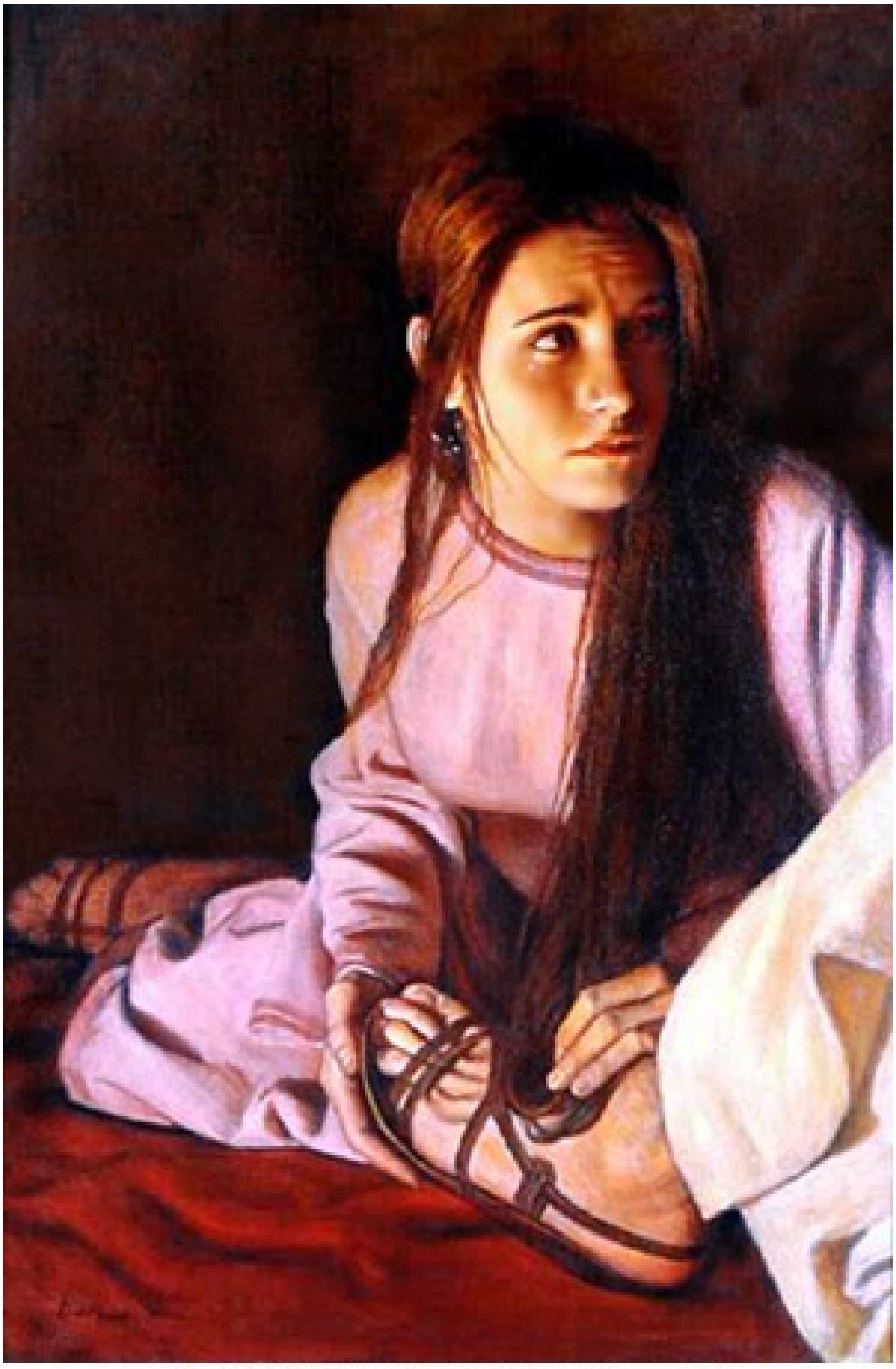
ENXUGAVA-LHES COM OS CABELOS DA SUA CABEÇA



At Her Master's Feet by Del Parson

Welington Corporation

E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa.

E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com ungüento;
E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o ungüento.

Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: "Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: **uma 'pecadora'** ".

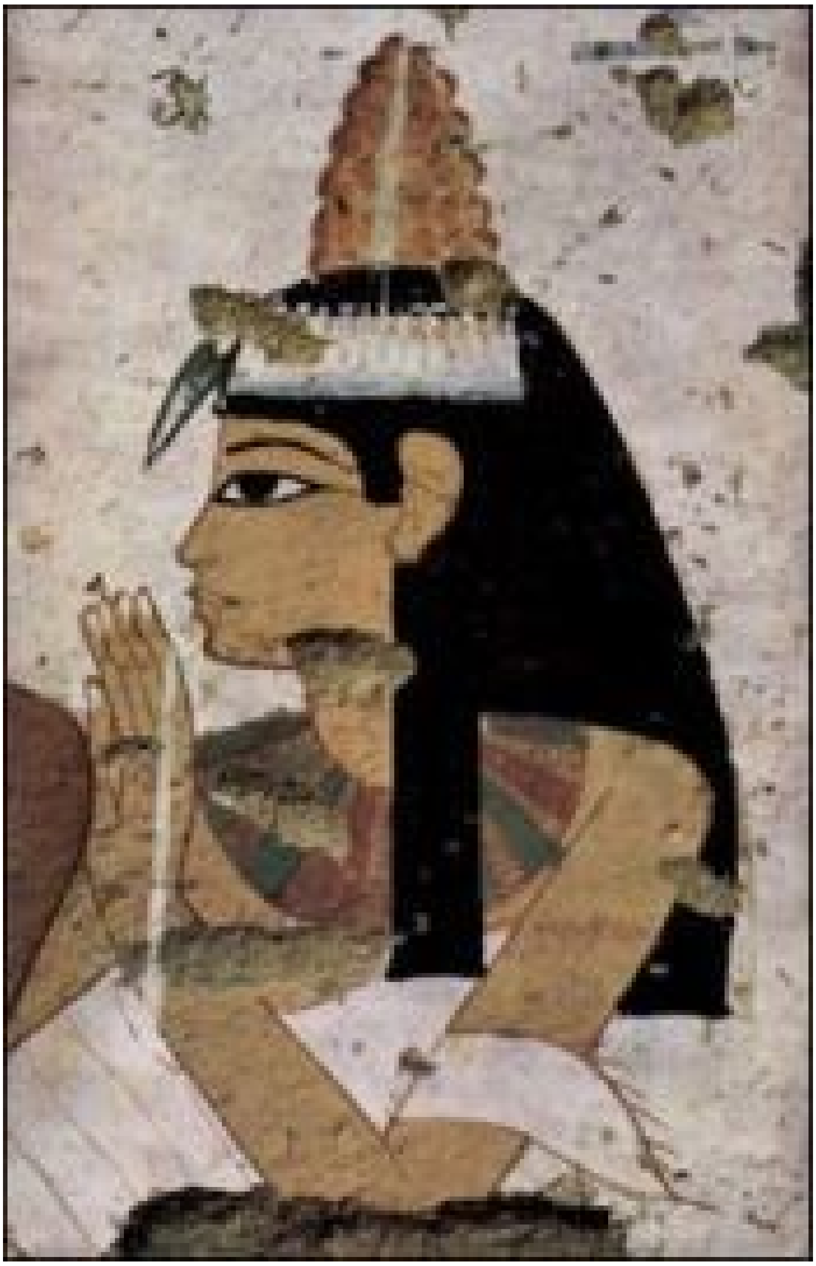
E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas, e os enxugou com os cabelos de sua cabeça.

Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés.

Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com ungüento.
Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama.
E disse-lhe a ela: Os teus pecados te são perdoados.

Lucas 7:36...49

Desde o antigo Egito o cabelo representava diversas realidades espirituais e humanas.



Para eles, o cabelo era mágico. E, claro, quem teria o cabelo mais mágico de todos? A Deusa da Magia: a própria Isis. Os longos cabelos de Isis na tradição egípcia - desarrumados e cobrindo o rosto de luto ou caindo em pesadas e escuras mechas sobre os ombros - seriam o predecessor do famoso Véu de Ísis da tradição posterior.

No antigo Egito, era um costume de luto para as mulheres egípcias desfiarem seus cabelos. Usaram-no por muito tempo e desalinhado, deixando-o cair em seus rostos manchados de lágrimas, cegando-os em solidariedade com a cegueira experimentada pela primeira vez pelos mortos. Como o Enlutado Divino Supremo, isso era particularmente verdadeiro para Ísis. Em Koptos, onde Isis foi notavelmente adorada como uma Deusa do Luto, uma oração de cura feita "perto do cabelo em Koptos" é registrada. Estudiosos consideram isso uma referência ao Luto Isis com seu cabelo despenteado e poderosamente mágico.

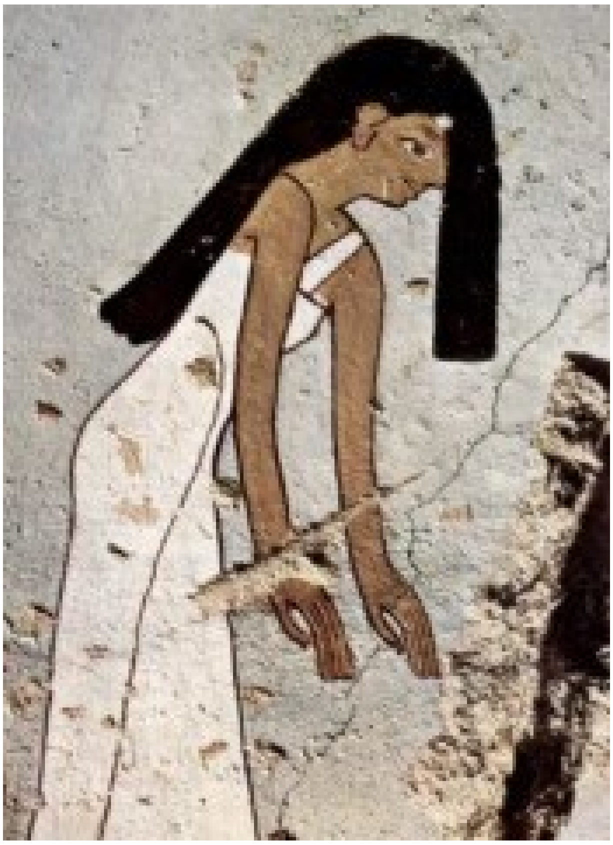


PLANTEADORAS OU CARPIDEIRAS usam vários gestos de luto e despenteiam os cabelos

É em seu estado de luto desgrenhado que Isis finalmente encontra Osíris. Ela reagrupa Ele, alimenta a vida com Ele e faz amor com ele.

O capítulo 17 do *Livro de Chegando de Dia* (também conhecido como o *Livro dos Mortos*) descreve os cabelos desgrenhados de Ísis quando Ela chega a Osíris: *"Eu sou Ísis, você me achou quando eu tive meu cabelo desordenado em cima da minha face, e minha coroa estava desgrenhada. Eu concebi como Ísis, procriquei como Nephthys. "(Capítulo 17; tradução de Rosa Valdesogo Martín ,*

que estudou extensivamente a conexão dos cabelos com os costumes funerários do antigo Egito.)



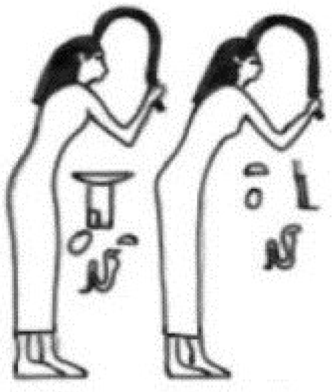
Uma mulher de luto com o cabelo no rosto do túmulo de Minnakht

Não só o cabelo simboliza a cegueira da morte e a nova vida; o cabelo das deusas é, na verdade, parte da magia do renascimento. Isis e sua irmã, Nephthys, são chamadas especificamente de os dois cabelos compridos. O cabelo comprido das deusas é associado ao amarração, amarração, envolvimento, tecelagem, tricô e montagem geral necessária para produzir o grande Mistério do renascimento.



Enlutadas, provavelmente Isis e Nephthys, jogam seus cabelos sobre o Osíris

Em algumas iconografias egípcias, vemos mulheres de luto, bem como as deusas Isis e Nephthys, com os cabelos jogados para a frente no que é conhecido como o gesto do *casamento* . Às vezes eles / eles realmente puxam uma mecha de cabelo para a frente, especialmente em direção ao falecido, o que é chamado de gesto *nwn m* . Pode ser que esse gesto, especialmente quando feito por deusas, tenha a intenção de transferir uma nova vida para o falecido, assim como o cabelo de Isis deu vida nova a Osíris. É interessante notar que os egípcios chamavam a vegetação de "os pêlos da terra" e que a terra nua era chamada de terra "calva", que simplesmente reitera a ideia de que o cabelo é uma expressão da vida.
O feitiço 562 dos textos dos sarcófagos registram a habilidade do cabelo de Ísis e Néftis de unir coisas, dizendo que o cabelo das Deusas está unido e que o falecido veio para "ser unido às Duas Irmãs e ser fundido nas Duas Irmãs, porque elas nunca morrerão.


Isis e Nephthys puxam uma mecha de cabelo para o falecido

Os Textos da Pirâmide instruem os mortos ressuscitados a soltar suas amarras, "pois eles não são laços, eles são as tranças de Nephthys". Assim, o cabelo mágico das deusas é apenas um elo ilusório. Seu cabelo não é um elo de contenção, mas sim o agente de ligação necessário para o renascimento. Como a placenta que contém e alimenta a criança, mas não é mais necessária quando a criança nasce, a nascida de novo solta as tranças das Deusas que a haviam envolvido anteriormente em segurança.

A idéia egípcia de Ísis como a de cabelo comprido foi transferida para seu culto romano posterior também. No relato de Apuleio dos Mistérios de Ísis, ele descreve a Deusa como tendo cabelos longos e belos. Suas estátuas frequentemente a mostram com cabelos compridos, e suas sacerdotisas eram conhecidas por usar os cabelos longos em homenagem a deusa.

A BBC em reportagem entrevista a Gopala Amma, uma indiana desesperada para reverter a má sorte de sua família que corria o risco de perder o único cômodo que dividiam em um pequeno beco no subúrbio de Perambur, em Chennai. Amma trabalha duro como faxineira, mas está lutando para sobreviver. O marido perdeu o emprego e começou a beber muito, enquanto o filho mais velho está falhando nos estudos. Tudo isso fez com que Amma pensasse em pedir ajuda aos deuses hindus. "Eu decidi ir ao templo em Tirutanni e raspar meu cabelo. Dessa forma, os deuses vão abençoar a mim e minha família", diz ela.

E isso não será apenas um recorte, mas um corte de cabeça completo - todos os 81cm de suas longas madeixas onduladas irão embora. Ao sacrificar algo tão

bonito para os deuses, derramando seu ego, ela espera que eles a abençoem com boa sorte em troca.



O cabelo humano é valioso na Índia. Muitas das vizinhas cabelereiras de Amma coletam o cabelo de seus clientes para vender ou trocar para os colecionadores de cabelo que vêm uma vez por mês em scooters pedindo o que chamam de "desperdício de pente".



De Hollywood ao Reino Unido e à África do Sul, o cabelo humano mais utilizado é o indiano, pois sua textura lembra o cabelo caucasiano, que a indústria de cabeleireiros considera desejável.

Havia uma ordem específica sobre os cabelos dadas aos sacerdotes judeus:

Levítico – Capítulo 21

10 O sumo sacerdote entre seus irmãos, sobre cuja cabeça foi derramado o óleo da unção, e que for consagrado para vestir as vestes sagradas, não desgrenhará os **cabelos**

Que vai de encontro a tradição das CARPIDEIRAS egípcias. Deus não quer que os sacerdotes levitas se identifiquem com as práticas mágicas que nascem no templo de Isis.

Há ainda nas Escrituras um texto esclarecedor sobre o papel mágico, que traduzimos como profético ou sacerdotal numa alegoria em que Jerusalém tem o papel de uma mulher:

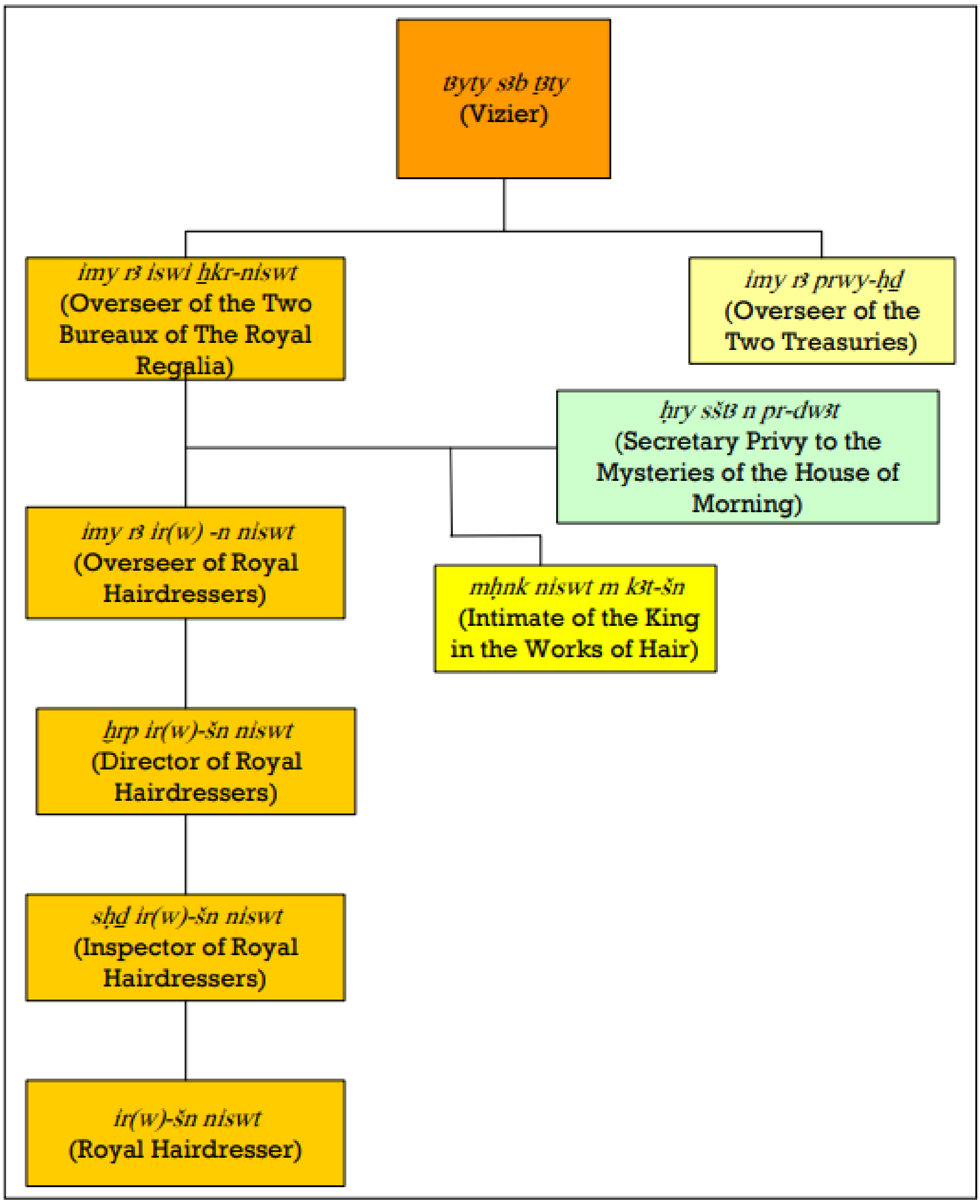
29 Corta os teus cabelos consagrados, ó Jerusalém, e põe-te a prantear sobre os altos desnudos; porque já o SENHOR rejeitou e desamparou a geração objeto do seu furor;



Isto é esboçado de um caixão encontrado em Gebelein (agora Naga-el Gheria), 13ª dinastia. Ou uma imagem feminina de cabelos compridos ou uma minúscula mulher de cabelo comprido está espalhando seu cabelo sobre o falecido.

O cabelo possuía significado mágico, ritual, representado na imagem das deusas, e dotados de poderes divinos. As carpideiras egípcias despenteavam-se, desarrumavam ou desgrenhavam seus cabelos em sinal de luto. Escondiam suas faces para simular cegueira ou obscuridade, representando assim o reino dos mortos.
Além dessas representações temos outros usos dos cabelos além dos religiosos, os de caráter mágico voltado para encantamentos e feitiçarias.

O cabelo na cultura egípcia, seu penteado, arranjo, estilo, desenho, assim como em muitas culturas milenares, traduzia gênero, posição social, associação de ritos ou sacerdócios, posição governamental. Sacerdotes tinham seus cabelos cortados, ungidos, penteados de acordo com os deuses a quem serviam. As filhas dos faraós recebiam um penteado, um arranjo único, inimitável. Assim como nas dinastias chinesas. A imitação do penteado REAL, das mulheres do palácio poderia gerar penalidades. Em outros momentos, era a partir do palácio que a "moda" ou estilos de arranjo e penteado se desenvolviam e se espalhavam para as regiões do país.



Em palácios egípcios do antigo Reino do Egito haviam oficiais cabelereiros, uma classe de oficiais que possuía a missão de tratar os cabelos dos faraós e dos membros da família real, assim como da alta classe governamental e sacerdotal. Havia uma hierarquia que envolvia a execução dos tratamentos e cortes, a inspeção, diretorias ou supervisão, feita por altos funcionários para que fosse mantida uma IDENTIDADE dos penteados, que muitas vezes imitavam a iconografia dos deuses e das deusas. Os deuses na sua maioria possuíam cabelos,

madeixas, penteados e adereços. Era necessário então uma “emulação” uma aparência dos cortes que visava a identificação dos sacerdotes e sacerdotisas, dos reis e rainhas com as divindades que veneravam. Durante o Antigo Império havia profundo aspecto ritualístico para a “toalete da manhã” do rei, que era realizada na **casa da manhã**, um edifício que foi anexado ao palácio ou ao templo do sol Muitos títulos, estão relacionados com esta instituição, “Aquele que adorna Horus”, "supervisor de todos os adornos do rei", "Secretário Privado para os Mistérios da Regalia do Rei, "Inspetor da regalias do Palácio do Rei", Supervisor do linho do rei", "Superintendente do banheiro do rei", " Servo do corpo real", "Supervisor de Óleos ", etc. Lembrando que o faraó era considerado “deus na terra”. Logo, toda a classe de trabalhadores, que tinha o PRIVILÉGIO de tocar aos cabelos da família real, ou ao corpo da “divindade” faraó, recebia um título de nobreza, um ritual CONSAGRATÓRIO. Óleos para manter o cabelo condicionado e cheirando bem são indicados como sendo derramados sobre o cabelo das pessoas durante o Antigo Império. Na dinastia VI no túmulo de Niankhpepi o Preto em Meir, o dono da tumba pode ser visto com óleo perfumado derramado sobre a cabeça por seu servo. Um texto da dinastia V no túmulo do vizir Senedjemib, afirma que o rei Djedkare Isesi "fez com que eu fosse ungido com gordura". Isso indica que os antigos egípcios não estavam apenas preocupados com o estilo do cabelo, **mas mantê-los bem conservado. O penteado tinha que ser mantido, conforme o tipo necessário dos rituais e das celebrações, continuamente.**

Essa manutenção da aparência deveria acompanha-los até a pós-vida. Isso significava que mesmo após a morte seus cabelos seriam perfeitamente penteados.



Rainha Kawit tendo seu cabelo estilizado por uma serva, enquanto tomava café da manhã. Cena em seu sarcófago de calcário, Museu do Cairo, originalmente de seu túmulo em Deir el-Bahari, dinastia XI, reino médio.

CABELO CHINÊS ANTIGO



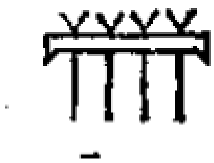
O cabelo era muito importante na China antiga. Os homens geralmente amarram os cabelos em um nó, no topo da cabeça, sob um pedaço de pano ou um chapéu. Mulheres com cabelos trançados em vários estilos e protegidas com vários alfinetes de cabelo decorados. As meninas não tinham permissão para enrolar o cabelo antes de se casarem. A maioria das pessoas tinha cabelos longos

e, às vezes, cortar o cabelo de alguém era usada como punição para prisioneiros. Os monges raspavam os cabelos para mostrar que não se importavam com o valor do cabelo, pois era visto como algo de grande valor. Os chineses entendiam que herdaram o cabelo dos pais e que seria desrespeitoso cortá-lo. Na dinastia Tang, penteados com diferentes formas evoluíram para simbolizar o status social.

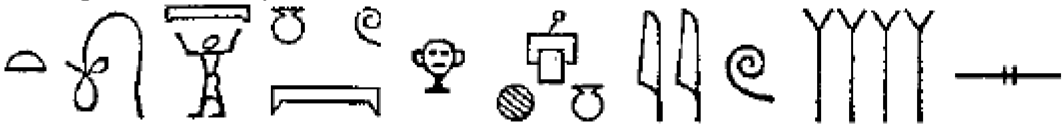




Voltando ao Egito, os céus da antiguidade eram suportados por quatro colunas que eram representados em hidrógrafos por quatro cetros.



. Os céus eram erguidos por quatro deuses, antiquíssimos, que seguravam seus pilares, sustentando os céus, um em cada ponto cardeal, cada um segurando um pilar ou coluna.



Uma antiga lenda egípcia descrevia os céus poeticamente, o mito representava o céus na forma da cabeça de um homem, e onde o sol e a lua seriam seus olhos, e os "suportes do céu" eram supostamente formados **pelos longos cabelos esvoaçantes da divindade principal**, normalmente RA ou Horus, (depende da época egípcia) e assim temos no texto da pirâmide de Unis (linha 1. 473) uma alusão aos "quatro espíritos mais velhos que habitam "nas mechas de cabelo de Hórus, que estão na parte oriental do céu, segurando seus cetros." Milhares de anos após essa inscrição, Hórus teve "quatro filhos de cabelos esvoaçantes**". Eles,**

nova geração divina, é que emprestarão suas mechas para formarem as colunas celestiais.

Cantares 4

1	Como és formosa, querida minha, como és formosa! Os teus olhos são como os das pombas e brilham através do teu véu. Os teus **cabelos** são como o rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade

A *fragrância* tem permeado a terra e a cultura do Egito por milênios. Antigas sepulturas enterradas na areia quente ainda contêm traços de resina, o cheiro doce das flores de lótus, florescem ao longo do Nilo, sacerdotes coptas balançavam incensários para purificar seus altares e perfumarias modernas exportam essências para todo o mundo. Relevos e papiros representando cerimônias de *fumigação* (não temos um verbo apropriado tipo *incensação*....) atestam o papel central do incenso usado no antigo Egito. Arte e cerimônias reverenciavam isso como a personificação da vida e uma manifestação aromática dos deuses. Os faraós cultivavam árvores de incenso e de resinas caras importadas da terra de Punt para satisfazer as necessidades dos templos e prolíficos túmulos do Egito.

O incenso significava reverência e oração, mas em um nível mais profundo também **evocava a presença real da divindade**, criando a "fragrância dos deuses". Gileade da antiguidade era a terra do bálsamo, da resina aromática, de onde se extraia essências para perfumes, unguentos medicinais e incenso.

Como os deuses egípcios não têm realmente um gênero, também poderia ter um aspecto com cabeças de ovelhas. **As palavras para "carneiro" e "alma" soavam da mesma forma em egípcio**, de modo que as divindades de carneiro eram às vezes vistas como **aparições de outros deuses**, incluindo carneiros e cabras que aparecessem espontaneamente em determinados locais tidos como sagrados. Em particular montes em que haviam plantas para fabricação de incenso. Quando o salmista declara o Salmos 114:4 4 **Os montes saltaram como carneiros, e os outeiros como cordeiros do rebanho e** Salmos 114:6 **6 E vós, montes, que saltais como carneiros, e vós outeiros, como cordeiros do rebanho?** Está fazendo ma PROVOCAÇÃO. O Espírito de Deus RESIGNIFICA as coisas divinas, usando símbolos próximos da cultura egípcia. Pois um cordeiro divino está para substituir o carneiro ou cabra mítica/mágica que representava uma TEOFANIA dos deuses egípcios. A imagem de Cantares de Salomão, a visão do Amado, das cabras descendo sobre um monte de incenso, de bálsamo, de resina sagrada é uma imagem de ASSOMBRAÇÃO para os egípcios, espíritos pulando ou brincando no monte de aromas.

RESUMINDO a história

Os cabelos evocam espiritualidade, representavam coisas celestiais, representavam qualidades dos deuses, eram usados de modo ritual, traduziam

posições sociais, eram usados do romance ao funeral, da alegria ao luto, do romance ao sagrado. Quando UNIDOS ao nardo, mirra, ao bálsamo, quando UNGIDOS, era sinal de CONSAGRAÇÃO, casamento, cerimonial, ritual. Quando cortados ou desalinhados, desgrenhados, despenteados, usados como sinal de aflição, de angustia e dor, humilhação e vergonha.

Jeremias 7

29	Corta os teus **cabelos** consagrados, ó Jerusalém, e põe-te a prantear sobre os altos desnudos; porque já o SENHOR rejeitou e desamparou a geração objeto do seu furor;

Essa é a razão por detrás de "corta teus cabelos consagrados, ó Jerusalém". Porque um sacerdote judeu, assim como um egípcio, seria UNGIDO com óleo para iniciar seu ministério, o que significaria consagração a Deus.

Cabeleireiros estavam à disposição para consertar os estragos causados por frequentes conflitos amorosos

ENFIM

Verdade: Todo o roxo real,

no mundo não se pode resistir.

Não adianta pulseiras de cobra, feitas de ouro puro,

sem a pintura de Lydia,

do tipo que garotas,

colorem suas pálpebras,

para se fazerem desejadas.

Canção das Donzelas – Atração do Parthenon, apresentado em grande festival público em Esparta, na antiguidade clássica, num conjunto de música e dança de donzelas locais especialmente selecionadas para a ocasião, que assumem os papéis dos nomes apresentados na música.

E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento;
E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento.

Quando Lucas trata da cena, possui particular atenção a leitura que Jesus fez dos pensamentos do fariseu. O fabuloso se inicia com a leitura dos pensamentos, do que se passava no íntimo do religioso enquanto observa a cena extraordinária. Mas, que aos seus olhos era inaceitável. Se fosse somente recurso literário, nós chamaríamos de solilóquio, verbalizar os pensamentos de um personagem. Só que nem o fariseu e nem Jesus são fruto de ficção de Lucas. O que ocorre então é um "solilóquio profético", uma palavra de Conhecimento dada a Jesus pelo Espírito Santo, tornada parte da história narrada anos depois*. Toda vez que você ler um personagem externalizando pensamentos, é como se o autor recebesse... de modo lúdico ...uma palavra de conhecimento.*

Em seu íntimo, o fariseu a considera impura, pois pertencia a uma classe do judaísmo de sua época que acreditava que a pureza espiritual significava a realização perfeita de centenas de rituais. A lista de coisas que um fariseu realizava para "permanecer puro aos olhos de Deus" era gigantesca. A tradição oral judaica inventou centenas de rituais de purificação, lavagem, separação, toques, objetos, até pessoas. Simão não podia entrar na casa de um gentio, não

poderia tocar animais mortos, nem pessoas. Vestia-se com determinados tecidos, os padrões das estampas de suas roupas estavam listados no talmude, assim como os que lhe eram proibidos. Possuía horários fixos para orações, números de passos que poderia realizar no sábado, lista e classe de pessoas com as quais poderia transacionar ou não. Não poderia sequer DIRIGIR a palavra a determinadas classes sociais sem incorrer em impureza. Não poderia tocar ou ser tocado pelas pessoas que estivessem nas listas de proibição da mishná/talmude e tratados orais, de modo algum.

Quando em seus pensamentos Simão a enxerga como "pecadora", ele traduz sua visão sobre o pecado, distorcida pela tradição oral. Ele não consegue enxergar sua própria condição, porque imagina que os rituais que pratica continuamente o tornaram JUSTO. Por detrás de sua rejeição está claro que a moça é uma PROSTITUTA. Ele não usa essa palavra em sua mente, porque não quer pensar no que ela **faz** para ganhar a vida. Ele usa um recurso de linguagem, que em português denominamos eufemismo. Mas, ainda que sendo POLIDO, está realmente ENOJADO.

Lucas, que descreve a cena, também enfrentou o desprezível trato dos rabinos, pois ele era médico e os médicos aparecem em uma das quatro listas de "desprezíveis ofícios" da Mishná. Sendo então considerado um "pecador" pela definição judaica, Lucas estava profundamente interessado na atitude de Jesus e relacionamento com os pecadores. Ele queria transmitir a Teófilo, que também era um "pecador" gentio, que em Jesus, os judeus e gentios estão em pé de igualdade. O interesse de Lucas em como Jesus se relacionava com o "pecador" é visto no material original encontrado em seu Evangelho: (1) A genealogia de Jesus leva todos os grupos étnicos de volta a Noé, onde eles se tornam um (a genealogia de Mateus para Abraão, pai dos judeus); (2) o papel dos pastores na narrativa do nascimento (**pastorear** era uma ocupação desprezada); (3) a citação de Isaías 40 de João Batista que termina, "'E toda a carne verá a salvação de Deus'", que não é encontrada em Mateus ou Marcos; (4) seu interesse no ministério das mulheres para Jesus e para os apóstolos; (5) as parábolas do bom samaritano e (6) o filho pródigo, que conta a história de um jovem judeu que vai trabalhar para *um gentio*; (7) a cura do leproso samaritano; (8) a parábola do fariseu e do

cobrador de impostos; e (9) a história de Zaqueu, Banqueiro, que também fazia parte da lista de "pecadores". Estes nove relatos não são encontrados em Mateus ou Marcos. Sem dúvida, Lucas, o "pecador" gentio, mostra seu interesse em como Jesus se relaciona com os pecadores pelo contexto de seu Evangelho.

Para que o fariseu mantivesse sua pureza ritual, sua mesa deveria permanecer "limpa" os seus alimentos e os convivas não poderiam ser tocados por gente "impura". Simão é desrespeitoso com seu convidado, esperava-se que o hospedeiro tratasse uma pessoa de nobre estirpe com vários gestos de gentileza, óleo para ungir os cabelos que se ressecavam com facilidade ao vento e calor oriental, água para refrescar, lavar o rosto, as mãos e os pés. Os pés ficavam empoeirados, o convidado retirava as sandálias para entrar na casa do fariseu em sinal de respeito, e esse em ato de gentileza devida a um rabi, o honraria com a lavagem dos pés feita por uma serva ou servo de sua residência. Os jantares desse gênero eram privados para os convidados, mas públicos para quem desejasse ouvir as conversas, semelhante a um solilóquio grego, encontros literários, de poesia, de cântico ao redor de uma refeição, onde as conversas eram também uma atração a parte. A porta da casa de Simão ficaria aberta, conforme testemunho de um viajante do século I, Tristam, a mesa ficaria posta próxima ao chão, os convidados sentados de tal modo ao redor que ficavam com as pernas estiradas com os pés voltados para fora. Simão trata a Jesus com invulgar rudeza. Como se fizesse aquilo por curiosidade e não por afeição verdadeira.
A "pecadora" como ele chama é uma alusão a sua "profissão", os verbos no grego apontam para uma atitude permanente por parte da mulher, ela praticava o "pecado" como se vivesse dele, o que aponta uma vida de prostituição. Por isso também quando ela o "toca" é al interpretada por Simão. Uma camponesa sai na cidade com o cabelo preso. Com tranças. O Talmude indicava que a mulher só devia "soltar" aos cabelos na presença do esposo. Porque era símbolo de intimidade, era, como ainda é até os dias de hoje, sinal de atração. Porém, com impacto de sedução maior que nos dias atuais. Era, para os judeus da época o equivalente, guardada as devidas proporções, como desnudar os seios na atualidade.

Na verdade, para a mulher, tanto o unguento como a beleza dos cabelos, eram instrumentos de seu ofício.
Então ponderamos sobre sua triste situação, sobre o Ofício que não deveria existir em Israel, proibido pela lei de Moisés, mas que sempre acompanhou a história israelita, desde a antiguidade, até sob dominação estrangeira. A mulher israelita era PROIBIDA de exercer em qualquer instancia a profissão de prostituta.
O livro de Oséias trará a imagem de uma jovem vendida pelos seus pais a prostituição, qual exercerá desde menina, Gomer, sendo somente resgatada de uma vida de escravidão por intermédio da "loucura" do profeta. Em nenhum momento é dito que ela é estrangeira. Inclusive ela será posteriormente identificada, nomeada, sendo indubitavelmente israelita.
A história da prostituição secular se inicia nos templos da antiguidade. É denominada de "prostituição sagrada" porque as sacerdotisas simulavam estar dominadas pelo espírito das deusas", e a união física era símbolo da união entre os deuses e os seres humanos. E um dos maiores centros dessa prática, exportada para centenas de religiões, foi o EGITO. As prostitutas e prostitutos cultuais eram denominados como "santos" ou "separados", pois eram consagrados desde sua infância a este tipo de "serviço" para determinadas divindades.
Em dado instante os sacerdócios recebiam dinheiro, ofertas, em troca da união com as sacerdotisas e desse comércio macabro, nasceriam os bordéis e zonas de meretrício da antiguidade, já destituídas do caráter religioso. A lembrança deste fato, da VENDA dos serviços sexuais, tanto de moços e de moças, como oferenda às divindades, ficou registrada no Velho Testamento do seguinte modo:
Deuteronômio 23
...17 Nenhum filho de Israel, homem ou mulher, poderá entregar seu corpo à prostituição nos templos pagãos! 18 Não trarás salário de prostituta nem dinheiro de cão (sodomita - cão – era o termo com que os fiéis das deusas e deuses que prestavam tal serviço se autodenominavam) à Casa do Eterno, teu Deus, a fim de pagar algum voto, porquanto Yahweh, o teu Deus, **por ambos tem repugnância.**

A mulher pecadora, herda essa herança, de uma "profissão" que começou espiritualmente em ISIS do Egito, e que chegava a sua época como a "pornéia" comercialmente praticada pelas meretrizes romanas.

A prostituição para a maioria das jovens da antiguidade era um caminho alternativo para não morrer de fome. Era, como é ainda hoje para mais de 99% delas, a base do sustento familiar.

As filhas que eram transformadas em prostitutas sabiam que já não poderiam se casar. Uma prostituta 'comum' era normalmente de uma família pobre, ela muitas vezes fora VENDIDA pelo seus pais para ocupar aquela posição, na antiguidade, como temos paralelo na cultura de estados de grande pobreza indianos**. Ou eram encaminhadas nessa direção pela falta dos pais**. A prostituta era sempre considerada como uma 'mulher pública'. Ela tinha amantes, e normalmente não manteria os laços familiares. Era considerado indigno manter relação com a família de onde saiu, pois seriam cortados os laços familiares pela vergonha dos seus parentes que não queriam ser vistos com ela, sendo rechaçada do convívio com a família, num caminho sem retorno.

Contudo, Maria conheceu a pregação de Jesus em algum instante de sua peregrinação. Aproveita essa RARA oportunidade de encontrá-lo, ajuntando-se as pessoas de menor posição social que se acercavam da mesa na casa de Simão, aberta ao público naquela noite.

E sua tremenda admiração por Jesus é contrastada com o DESCASO com que ele é tratado. Então ela entra em ação. A questão é que ela não era uma convidada, era uma penetra num evento social, e sabia que não poderia tocar a Jesus. As tradições de toque orientais, de mesuras e gestos de apreço e gentileza, públicos ou privados exigiam formalidades orientais, para honrar cada um de acordo com sua classe social. Um mestre poderia tocar a face de seu discípulo, não o contrário. Um subalterno cumprimentaria seus superiores tocando-lhes nos pés, nas mãos somente com sua permissão. O corpo era modelado com uma dignidade que crescia dos pés para a cabeça. Pessoas da mesma posição social poderiam se abraçar, pegar nas mãos ou beijar a face um do outro. Mas, somente um patamar de autoridade ou dignidade superior, poderia fazer alguém tocar a cabeça de outra pessoa. Era o pai abençoando o filho, a mãe acariciando os filhos,

os avós aos netos, era o governador nomeando nobres, era o sacerdote impondo a mão sobre o fiel, era o idoso repreendendo ou brincando com o mais novo, dentro da mesma classe social. As roupas de uma prostituta guardavam o caráter de sua impureza. A mulher pecadora não pode tocar a Jesus nos cabelos, não pode tocar em suas mãos, não deve tocar suas roupas. E não se via na dignidade de uma discípula. Não se entendia como se pudesse usar suas mãos para tocar os pés de Jesus, o que era considerado um gesto padrão de humildade, entre os povos orientais. A sociedade árabe e indiana mantém o costume dos filhos tocarem com as mãos os pés de seus pais nas famílias tradicionais até os dias atuais. Ela não cria possuir nem a dignidade, nem a proximidade para tal ousadia. Pela sua condição de prostituta, seu toque era sempre tido como impuro. E a impureza era TRANSFERIDA da pessoa ou da coisa impura para qualquer objeto ou pessoa que ela tocasse, segundo os preceitos da Lei. Se ela ousa tocar a Jesus, seria repreendida ferozmente, pois seu ato para um rabi seria como uma ofensa. Um fariseu se lavaria, assim como lavaria suas roupas, tornadas impuras.

Então ela chora. Abundantemente. A prostituta levava entre seus seios, um saquitel de unguento, que era feito de resina aromática, para perfumar-se, para ungir seus cabelos quando necessário, essencial para sua profissão. Quando entra na casa de Simão levava todo seu estoque de perfume, um vaso de alabastro, que usava para encher o saquitel que usava diariamente. O perfume era usado como ferramenta de sedução, sendo de difícil fabricação e caríssimo. Sua fabricação possuía a ciência herdada dos perfumistas egípcios e hebreus. Era parente próximo da resina com que faziam os incensos, da antiguidade. O perfume do santuário israelita, sua essência era proibida para o uso secular ou comum. Mas haviam centenas de formulações com ingredientes, cujas fórmulas se iniciaram no Egito. Aquela "pecadora" cheirava a um templo egípcio da antiguidade. Ungia-se com unguento que cheirava a incenso. Enquanto chora vê que está fazendo certa "lama" pois o pouco que sai de seus olhos se mistura com a poeira nos pés de Jesus. Então ela decide limpá-los. Mas, ela não pode usar parte de seu vestido, não pode usar suas mãos, não pode pedir que o dono da casa lhe empreste uma toalha. Respeitosamente ela PRENDEU seu cabelo ao entrar na casa de Simão. Porque sua cabeleira só ficava solta nos locais que devia

atrair sua clientela. Decide soltá-los e usá-los para enxugar os pés de Jesus. Porque era a única parte de seu corpo que não era considerada IMPURA. Porque necessitava cuidá-lo, ungi-lo e lavá-lo permanentemente. Essa lavagem continua, se assemelhava aos rituais de purificação de diversos objetos judaicos. A questão que incomodou profundamente a Simão, que cego por seu orgulho religioso, não enxergou o ato de extrema afeição, foi a moça soltar seus cabelos. Em virtude de seus pré-conceitos, da interpretação de conotação sensual que ele estava dando ao gesto de amor.

Quando a pecadora usa seus cabelos para enxugar os pés, sobre os quais ela derramara lágrimas e unguento, está indo de encontro ao mágico dos egípcios. O corpo de Jesus é habitação divina por excelência. Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo. Quando Maria toca fisicamente a Jesus, espiritualmente está TOCANDO EM DEUS. Está recebendo a DIGNIDADE extraordinária de realizar um dos atos mais sublimes feitos pela humanidade para DEUS. Está tocando na coisa mais sagrada do universo, Jesus, e enquanto unge a Jesus é ungida por ele. Literalmente, seus cabelos se enchem do unguento que ela derramara sobre ele. É o momento em que seus cabelos estão sendo RECONSAGRADOS a Deus.

O ato de improviso é um ato de dignificação que compensa de modo maravilhoso o descaso com que Jesus estava sendo tratado. A frieza do encontro é aquecida pelo *derretimento* do coração da pecadora que chora convulsivamente. As deusas inexistentes usavam seus cabelos sobrenaturais para *vivificar* aos mortos no além, a mulher, humana, enquanto usa seus cabelos nos pés de Jesus é VIVIFICADA espiritualmente para viver em NOVIDADE de vida, e recebendo perdão para viver também CONTINUAMENTE, para que nunca necessite morrer. Ela representa uma prostituta secular abandonando a profissão profana, de origem religiosa e mágica, e que num ato de união sem carnalidade com Cristo, alcança finalmente o estado de SANTIDADE. O que começou em tempos imemoriais termina na pessoa de Jesus.

O ato dela beijar a Jesus vai de encontro a extrema falta de afeição de Simão. Esperava-se no mínimo um beijo no roto, um cumprimento, uma saudação. O fariseu de recusa a TOCAR Jesus. Talvez com medo religioso de se CONTAMINAR,

sem saber que diante dele estava aquele cujo toque espiritual era capaz de PURIFICAR todas as coisas.

De um lado alguém que não necessita mais do que um simples gesto de boa-vontade para se aproximar de Jesus, mas não deseja faze-lo e do outro alguém que está desesperada para ser abraçada por ele, mas por ser PROIBIDO para ela, que se contenta em beijar seus pés.

O beijo nos pés era uma tradição de humildade rara. Possuía tremendo significado. Nos antigos templos era sinal de profunda reverência e submissão aos deuses, suas estátuas tinham seus pés, suas bases e limiares beijados por seus adoradores. Os reis da antiguidade eram tratados assim, somente por pessoas de sua intimidade ou confiança, porque chegar a presença física de um rei era um privilégio para poucas pessoas, um estranho não poderia tocar o rei sob risco de morte. Além da dignidade real, havia a questão da proteção pessoal do rei, que poderia ser assassinado por um rebelde.

Quando a mulher beija os pés de Jesus isso gera uma certa inveja no coração de Simão, e ele de igual modo interpreta a devoção da mulher de modo sensual. O gesto denota o que representava num templo da antiguidade, um ato de adoração. Um ato de profunda veneração. E incomodava ainda mais por ser um gesto ESPONTANEO. Não havia uma regra que delineasse tal atitude, não era um protocolo a ser seguido. Possivelmente o talmude o permitisse para tribunos, e para sumo-sacerdotes. Escravos o realizariam em determinadas ocasiões para seus senhores.

Simão propositalmente deixou de DIGNIFICAR a Cristo, porém foi em sua casa que ocorreu talvez, uma das maiores demonstrações de afeto a pessoa de Jesus. A pecadora nos apresenta literalmente, talvez pela única vez na história humana, a mais bela cena de adoração divina dada a pessoa de Jesus. As Escrituras nos falam que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, por um curto período de tempo. Esse momento de magia sem-par, equivale a visitação divina real, física, onde o celestial é visto em nosso mundo, um habitante de dimensões invisíveis caminhou fisicamente uma única vez na terra dos viventes, se não contarmos as teofanias do Velho Testamento. Era um momento inigualável da história da eternidade. E mesmo após isso, os adoradores que creriam em Cristo, jamais

teriam a segunda oportunidade de repetir seu gesto de adoração. É sublime até para os anjos.
Os beijos que ela dá falam da IMPORTANCIA que Jesus possui para ela. Ela *transpõe montanhas*, despreza o ambiente hostil, e deixa fluir livremente seu coração. E isso reverbera de um modo grandioso no coração de Cristo. "Por isso te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, **porque muito amou**"
Um único gesto de fé e amor foram de tal reflexo no coração de Jesus que tudo que ela fez, já não seria capaz de impedir de ser AMADA por Deus, de tal modo que a ENXERGA COMO PERFEITA. Sua IMPUREZA já não existia e nem seria lembrada. Ela jamais seria cobrada uma segunda vez pelo que tinha feito até aquele momento. O termo "pecado" no Antigo Testamento possui muitos adjetivos e representações, relacionados a manchas, a deformidade, a sujeira, a imundícia, podridão, berrantes com a cor escarlate ou a cor púrpura.

"Venham, vamos refletir juntos", diz o Senhor. "Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão.
Isaías 1:18

A cor escarlate lembrava o sangue inocente derramado, a cor púrpura era relacionada a pintura ritual das prostitutas cultuais. Era a cor preferida para pintura dos cabelos nas cortesãs de Corinto, compradas em Lydia.

O que Jesus fala é que agora sua vida era um livro branco, suas roupas como que feitas de lá, seus cabelos, *negros como o corvo*. Nessa expressão, não que o tingimento tenha implicações maiores, a representação do pecado se baseia no *mal* uso de determinadas tinturas na época. Então, era como se ela voltasse a ter o cabelo sem que nunca tivesse sido tingido. Como se voltasse a ser criança.

Ela desarrumou seus cabelos com o coração cheio de dor, **sem saber que chorava sua própria ressurreição**. O ato de luto das carpideiras do passado, era agora um ato de renovação.

Embora, na verdade, havia uma morte acontecendo sim. A morte da angustia que passado lhe impusera. Ocorria o enterro de uma vida antiga, representado pelo derramamento do unguento, ferramenta de seu ganha-pão, que já não necessitaria mais usar.

A pecadora jamais iria sair dos pés de Jesus. Jesus queria deixar no coração do fariseu uma profunda lição, por isso não se retirou mesmo sabendo que estava sendo maltratado em sua casa. Jesus sabia perfeitamente que "tipo de mulher" era aquela. Desde a primeira prostituta cultual até a moça bêbada de Apocalipse, seu Espírito tem acompanhado a tragédia da exploração e do tráfico humano.

Simão não compreendia que o ritualismo, a mágica, o cerimonial, não podem mudar o ser humano, não podem santificá-lo, não podem aperfeiçoar seu espírito. Que a única coisa que pode limpar de verdade a alma e o coração humano é exatamente aquilo que aquela mulher estava fazendo:

Chorar arrependida pelos pecados diante de seus pés.

Porque, afinal, ele é o Cordeiro que tira o pecado do mundo. Essa união entre os cabelos, lágrimas, unguento, pés ungidos do Cordeiro de Deus, lembra

Cantares 4

1	Como és formosa, querida minha, como és formosa! Os teus olhos são como os das pombas e brilham através do teu véu. Os teus **cabelos** são como o rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade

As cabras, carneiros e cordeiros sujavam suas barbas e suas pernas nas plantas de unguento ou bálsamo dos montes de Gileade. Seu pelo ficava cheio de bálsamo. Elas desciam, em fileiras ondulantes, sujas, mas felizes (o unguento deixava elas meio bêbadas) dos montes de Gileade. Os cabelos de Sunamita, ondulados e ungidos, balançando enquanto ela dançava, lembravam essa cena pastoril. Creio que Jesus deixou a casa de Simão *bêbado de alegria naquela noite*. Justificada, a *pecadora* saiu de lá com o coração leve. Sorrindo de verdade depois de muitos anos. E aquela noite foi a mais difícil de dormir que Simão teve em todos os dias de sua vida.

Welington Corporation